

SUGESTÕES COLORIDAS

12/8/65.

Rubem Braga

Abomináveis pequenos erros e impropriedades apareceram na minha crônica de ontem. Uns serão meus, outros talvez sejam da revisão; mas a minha cabeça andava tão ruim ontem que não me custa admitir que todos foram meus; e até fica mais elegante.

Bem, mas eu me refiro apenas à forma e não ao fundo. As opiniões são mesmo aquelas. Isso não quer dizer que eu tenha assumido compromisso com a candidatura Zarur; apenas manifestei uma certa sensibilidade em relação à propalada simpatia de Jesus Cristo por aquele candidato.

No fundo o que há é que nossa política está em demasia cafardenta. Isso não tem muita importância quando há dinheiro e chove arroz; mas não chove, nem há. Os funcionários públicos vão votar luto porque não lhes aumentam o ganho; isso não resolve nada e entristece um pouco. Enfim, talvez seja uma boa idéia. Um dos meus patrões (e me considero um homem livre porque sempre tive mais de um) congelou meu ordenado há cerca de dois anos; isso quer dizer que meu salário real dismilinguiu-se todo; será hoje a metade, que digo eu, um quarto do que foi. Mandarei fazer uma grande bandeira negra, com um mastro também negro, e, todo vestido de negro, ficarei a passear na porta de sua fábrica!

Não, a idéia não é boa. Ele se rirá, o homem rico, e, com o dinheiro que paga de menos a mim e aos outros, comprará mais máquinas, lançará mais promoções e festas e se fará mais benemérito das artes, da inteligência e da sociedade brasileira. E' até possível que abra outra escola primária gratuita, pois isso lhe dá lucro; ou construa, com o nome de colônia de férias, outra mansão de repouso, para se rir nos fins de semana; rico ri à toa.

Um autor do século passado, Carlos Marx, disse que a sociedade se divide em burguesia e proletariado. Acho que ele simplificava muito as coisas, mas às vezes sou tentado a imaginar que de certo modo, sob alguns aspectos, ele tem razão. Nossa burguesia passou um susto muito grande; agora me parece folgada demais. Saímos de um governo de plena demagogia, que promovia greves e aumento a flux, para um outro que está desidratando a nossa economia e também a nossa população. Os funcionários públicos sentem isso, e cada mês percebem que estão mais pobres; encolhem-se, pois sabem que não têm como reagir, e vêem que pior anda o empregado da indústria ou o do comércio, com a ameaça de desemprego; quanto ao trabalhador rural, este pobre coitado, nem é bom falar dele, que até pode parecer comunismo. Daí vai resolverem os funcionários botar luto.

Tivemos um diretor de Turismo que, vendo que não havia jeito de resolver o problema das favelas (nem era de sua alçada), propôs pintá-las todas de cores alegres. Por que não fazem o mesmo os funcionários, isto é, não se vestem de vermelho com gravatas amarelas, meias verdes, colétes de azul ceffeste? As funcionárias apareceriam em alacres sarongues pela manhã e luminosos saris à tarde. E todos votaríamos em Zarur, que pelo menos dá uma sopa. (Pelo menos até as eleições).

DN- 12. 8. 65